

# “Escovar a história a contrapelo”: uma reflexão sobre história e literatura em *Beloved*, de Toni Morrison

Anderson Borges  
Mestrando em Teoria da Literatura / UFMG

## RESUMO

Neste texto reflito sobre a releitura ficcional de eventos ocorridos nos Estados Unidos presente em *Beloved*, de Toni Morrison, considerando a fecunda relação entre memória e imaginação, que, de certo modo, qual a figura do materialista histórico benjaminiano apresentado no texto “Sobre o conceito de história”, revela a história dos oprimidos.

## PALAVRAS-CHAVE

Ficção, memória, história, Toni Morrison, Walter Benjamin.

Veio para ressuscitar o tempo  
e escarpelar os mortos,  
(...)

Veio para contar  
o que não faz jus a ser glorificado  
e se deposita, grânulo,  
no poço vazio da memória.

*Carlos Drummond de Andrade*

E se a memória mais não fosse que um produto da imaginação?

*André Breton*

“Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido”, afirma Walter Benjamin na sua terceira tese de “Sobre o conceito de história”. Parece conveniente associar esse pensamento a *Beloved*, livro escrito por Toni Morrison. Ao assumir o papel de contar a história dos escravos esquecidos este romance evoca, de certo modo, a imagem do “materialista histórico” benjaminiano, cuja missão é justamente salvar os oprimidos do esquecimento. Supondo de antemão que a ficção utilizando-se de elementos históricos possa

produzir efeitos políticos na vida prática, resta a dúvida: seria possível que a literatura – tomando o exemplo do romance *Beloved* – contribuísse em certa medida para lembrar dos esquecidos, tarefa então delegada ao historiador? Na tentativa de responder ou de pelo menos refletir sobre a pergunta proposta, aproximo o romance mencionado ao “materialista histórico” benjaminiano com a proposta de discutir a possibilidade da literatura revelar o escondido, idéia mencionada por Tzvetan Todorov; e, além disso, considerando que a literatura pode contribuir na formação de entendimento do mundo a partir da experiência literária do leitor, idéia proposta por Hans Robert Jauss.

Escrito em 1987, *Beloved* associa a dimensão do sofrimento e da humilhação vivida durante a escravidão à lenda e à magia do imaginário africano. O enredo tem lugar no contexto histórico logo após o fim da guerra civil americana. A ex-escrava Sethe – baseada na histórica Margaret Garner – prefere matar sua filha mais nova a retornar para a vida escrava. Em meio às descrições dos horrores a que se sujeitavam o povo negro, o fantasma da criança assassinada assombra a vida da ex-escrava Sethe e de sua filha Denver, as únicas que restaram de uma família que aos poucos vai se desfazendo.

Quando publicou *Beloved*, Morrison chegou a pensar que este seria seu trabalho menos prestigiado pelo público por abordar um assunto que mesmo atualmente deixa um gosto ruim na boca: a escravidão. Em entrevista, a autora afirma que esse tema é algo que “os negros não querem se lembrar, os brancos não vão querer se lembrar (...). É uma amnésia nacional.”<sup>1</sup>

Num estudo minucioso sobre a memória histórica, Jacques Le Goff teoriza o conceito amnésia também no nível coletivo, ao afirmar que ela “é não só uma perturbação no indivíduo (...) mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva”.<sup>2</sup> Mais a frente, ele comenta sobre a memória coletiva posta em jogo pela luta das forças sociais pelo poder.

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> ANGELO citado por BOUSON, Whites might dirty her all right, but not her best thing. The Dirtied and Traumatized Self of Slavery, p. 131. (tradução nossa, bem como as seguintes.)

<sup>2</sup> LE GOFF. Memória, p. 421.

<sup>3</sup> LE GOFF. Memória, p. 422.

A construção do passado no presente constitui muitas vezes um processo de disputas. Não é difícil perceber que a retificação da memória naturalmente assegura interesses políticos que muitas vezes preservam a perspectiva do vencedor.

Toni Morrison em *Playing in the Dark: Whiteness and the Literary Imagination* (*Atuar no escuro: a cor branca e a imaginação literária*) vislumbra na ficção estadunidense a imaginação em torno da figura do branco, uma verdade ainda então não revelada. Paralelamente ao criticismo literário, a autora aborda uma leitura da história a partir do imaginário americano revelando um importante aspecto negligenciado pela crítica: o homem negro. Morrison questiona a validade do conhecimento circulante entre os críticos e historiadores da literatura, o qual

(...) assegura que a literatura tradicional e canônica – desinformada e deformada pelos quatrocentos anos de presença – é livre de primeiramente africanos e em seguida de afro-americanos nos Estados Unidos. Ela presume que esta presença (...) não tem um lugar significativo ou uma consequência na origem e no desenvolvimento daquela literatura de cultura.<sup>4</sup>

Na direção oposta, a ficção de Toni Morrison presentifica a figura do negro de uma forma diferente daquela comumente apresentada na cultura norte-americana. Ao longo da literatura americana a representação estético-literária do negro servia como oposição ao ideal branco forjando, assim, o imaginário da indetidade americana. O negro na literatura de célebres autores estadunidenses como em Edgar Allan Poe, Herman Melville, Willian Faulkner, era o outro (*the other*).<sup>5</sup> Em *Beloved*, observamos a ligação entre memória e imaginação – ligação estabelecida desde os gregos e que, após a separação na Idade Média, foi reencontrada de modo mais literário que dogmático no romantismo, como aponta Jacques Le Goff em *História e memória*.

Discutindo sobre as narrativas americanas que tematizam a escravidão, Morrison comenta que nenhuma sociedade que vivenciou essa triste página da história escreveu suficientemente sobre o assunto. Ela também observa que o gosto popular do século XIX

---

<sup>4</sup> MORRISON. *Playing in the dark: whiteness and the literary imagination*, p. 4-5.

<sup>5</sup> Devido ao propósito e às proporções deste texto não abordo questões relacionadas à identidade cultural, nem ao chamado folclore afro-americano; assuntos naturalmente suscitados pela leitura do romance estudado. Também não discuto a noção de “o outro”, abordada largamente nos estudos culturais. Meu interesse aqui é reconhecer o valor da memória dos afro-americanos apresentada pela ficção morrisoniana, relacionando-a à figura do historiador materialista apresentada por Walter Benjamin em suas teses de 1940. É preciso mencionar, ainda, que não abordo o aspecto messiânico da filosofia da história apresentada por Benjamin. Considero unicamente o efeito político de sua concepção, isto é, de que o historiador materialista não deve relegar os oprimidos ao esquecimento.

“desencorajava” os escritores de escreverem sobre os “detalhes sórdidos” característicos da época. Havia uma espécie de convenção literária que evitava o “excessivo”, a “violência”, o “escatológico”. Era melhor jogar um “véu sobre aqueles procedimentos tão horríveis de serem relatados”, comenta a autora.<sup>6</sup>

A contrapelo da perspectiva do passado, em *Beloved* como em outros romances seus, Morrison questiona o degradante poder de representações racistas, demonstrando o efeito do racismo internalizado na construção da identidade afro-americana. A ideologia de supremacia branca que se referia aos escravos estadunidenses como “a outra raça” norteia alguns dos principais tópicos abordados no livro. A descrição de traumas<sup>7</sup> e humilhações a que os negros eram sujeitados constitui o cenário assombrado pelo fantasma da filha assassinada e percorrido pelos ex-escravos.

De modo lírico e emblemático, como usualmente o faz, Morrison reflete sobre a intenção de escrever o livro: “convidar os leitores (e a mim mesma) a entrar num cenário repulsivo (escondido, mas não completamente; deliberadamente enterrado, mas não esquecido) era armar uma tenda num cemitério habitado por fantasmas que falam alto.”<sup>8</sup>

Ainda no prefácio de *Beloved*, Morrison revela ao leitor seu desejo de encontrar personagens que pudessem manifestar a liberdade de uma forma comovente e arrebatadora e confessa que isso estava além do alcance de sua imaginação. No entanto, subitamente ela se lembra de um jornal resumindo a história de Margaret Garner, uma jovem mãe que após fugir da fazenda onde era escrava, foi presa por escolher matar um de seus filhos a entregá-lo ao trabalho escravo. A ausência de remorso chamou a atenção de abolicionistas e jornais da época. Sua obstinação em arriscar tudo pela liberdade ofereceu a Toni Morrison o mote para a construção da personagem tão desejada. Assim, surgiu *Beloved*, tal qual a “iluminação profana” de que fala Walter Benjamin no seu ensaio de 1929, “O surrealismo – o último instantâneo da inteligência européia”.

A escolha de tomar a figura histórica de Margaret Garner e seu contexto como matéria prima para o romance é justificada pelo fascínio então exercido na autora. O objetivo era adotar a historicidade verdadeira em sua essência, “mas não estritamente fatural com o fim de

---

<sup>6</sup> MORRISON citado por BOUSON. Whites might dirty her all right, but not her best thing. The dirtied and traumatized self of slavery, p. 133.

<sup>7</sup> Há uma extensa bibliografia relacionada ao trauma sofrido pelos negros na obra de Toni Morrison. Para mais informações a respeito, consultar o livro de J. Brooks Bouson, *Beloved. Quiet as it's Kept. Shame, trauma, and race in the novels of Toni Morrison*, citado nas referências.

<sup>8</sup> MORRISON. *Beloved*, p. XVII.

relacionar sua história a questões contemporâneas de liberdade, responsabilidade e o lugar das mulheres”<sup>9</sup>. A heroína não aceitaria o terror e a vergonha a que os escravos e mesmo os ex-escravos, como no caso em questão, em geral eram submetidos. À justificativa da autora no prefácio do romance, é possível acrescentar o comentário de J. Brooks Bouson:

(...) acreditando que os senhores de escravos poderiam ter vencido se a experiência escrava estivesse para além de sua imaginação de escritora e de seus poderes romanescos, Morrison é determinada a tomar de volta a “autoridade” e o “poder” de contar a história dos escravos esquecidos.<sup>10</sup>

Aqui, é possível evocar um comentário da segunda tese de “Sobre o conceito da História” que vai ao encontro ao anseio de Toni Morrison, em que Benjamin pergunta: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”<sup>11</sup> e reconhece que o passado faz um apelo ao presente. Tal qual o materialista histórico, protagonista da historiografia redimida benjaminiana, a ficção, a sua maneira, é capaz de ouvir esse chamado.

Ora, a literatura pode lembrar as vozes dos fantasmas do passado, retomando as palavras da autora no prefácio de *Beloved*, já que a memória muitas vezes não se torna “história”, isto é, não é transmitida por alguns atores envolvidos (como é o caso dos escravos mortos e renegados ao esquecimento), nem pelas gerações seguintes (que devido à dor da lembrança abandonam a responsabilidade de transmitir), ou até mesmo porque os livros de história podem sancionar uma cadeia de acontecimentos que privilegia os vencedores – como debatem as novas teorias propostas pela historiografia contemporânea, sobretudo a partir da concepção da chamada “nova história”<sup>12</sup> –, retomando a perspectiva benjaminiana anunciada na sua sexta tese de “Sobre o conceito da História”.

Em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela. (...) O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer.<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> MORRISON. *Beloved*, p. XVII.

<sup>10</sup> BOUSON. Whites might dirty her all right, but not her best thing. The dirtied and traumatized self of slavery, p. 132.

<sup>11</sup> BENJAMIN. Sobre o conceito da História, p. 223.

<sup>12</sup> Além da escola francesa, historiadores americanos, como Collingwood, Louch, Maurice Mandelbaum, Morton White, dentre outros, também contribuíram para a concepção de que “a história conta histórias”, ou seja, a história se constitui de narrativas. Para um detalhamento completo, ver o artigo de Louis O. Mink, “History and Fiction as Modes of Comprehension”, citado nas referências.

<sup>13</sup> BENJAMIN. Sobre o conceito da História, p. 224-225.

A ficção ao ocupar-se de acontecimentos históricos que tornam possível trazer à tona memórias esquecidas possibilita “despertar no passado as centelhas da esperança”, impedindo que os mortos sejam esquecidos. Desse modo, a literatura, ao contrário do pretensão historiador neutro que representa o passado “tal qual ele foi”, pode confrontar a ordem estabelecida pelo esquecimento, apagamento ou controle do passado.

Esse “historiador neutro” é comentado nessa mesma tese formulada por Benjamin, em que ele logo no início critica a frase do prussiano Leopold von Ranke, cujo historicismo almejava conhecer o passado “como ele de fato foi”. O historiador historicista estabelece uma relação de empatia (*Einfühlung*) com o vencedor naturalmente confirmando a visão dos dominadores. Retomando o desfecho do fragmento citado, está claro que o inimigo de que fala Benjamin se bifurca em dois. De um lado, obviamente criticando a ascensão do partido nazista. De outro, o alvo é a socialdemocracia que assumia para si uma visão otimista do devir histórico (*statt Revolution Evolution*), contrária àquela benjaminiana que via na revolução “o correspondente profano da interrupção messiânica do devir histórico”.

O ensaio de Benjamin, com isso, não só reflete a crítica ao nazismo como também a cisão provocada na esquerda alemã durante a década de 1920 e, de certo modo, paradoxalmente, ainda mais acirrada na década de 1930, embora os representantes já se encontrassem no “exílio”. É possível, todavia, ampliar essa interpretação e compreender esse vencedor como aquele que renega a história dos vencidos ao esquecimento.

Através da ficção, a história desses oprimidos pode ser, em certa medida, retomada ainda que a partir da imaginação. Assim, considerando que a literatura pode contribuir na formação de entendimento do mundo a partir da experiência literária do leitor – argumento empregado pela estética da recepção jaussiana –, *Beloved* chama a atenção para a “esquecida” realidade da escravidão negra nos Estados Unidos.

Como se sabe, *A história da literatura como provocação à teoria literária* de Hans Robert Jauss procurou estabelecer uma nova concepção de história da literatura que fosse capaz de preencher a lacuna deixada na teoria literária pela crítica formalista e marxista. De um lado o formalismo, que embora tivesse considerado a evolução literária e o caráter sistemático constitutivo de cada momento, apresentava a história da literatura como uma sucessão de sistemas estético-formais. Do outro o marxismo, com a chamada “teoria do reflexo”, contemplava a relação entre literatura e sociedade apenas no âmbito da representação. A estética da recepção jaussiana propõe completar uma “página em branco” deixada por ambas as escolas críticas considerando a literatura em sua historicidade. O teórico

propõe que a historicidade da literatura se encontra na relação entre a história da literatura e a história geral, estabelecendo essa ligação de modo que a autonomia do caráter artístico não seja submetida à função meramente mimética e ilustrativa.

Assim, tendo em vista a relação literatura-história é possível verificar a formação de entendimento do mundo a partir da experiência literária do leitor. Dizendo de outra maneira, a leitura pode provocar no leitor o questionamento de ordens ratificadas por instituições sociais e/ou religiosas. Na argumentação jaussiana no desfecho do texto mencionado neste ensaio, “conclui-se que se deve buscar a contribuição específica da literatura para a vida social precisamente onde a literatura não se esgota na função de uma arte da *representação*”<sup>14</sup>.

Na esteira dessa concepção de que a literatura pode produzir um efeito na vida prática, Tzvetan Todorov no ensaio “Ficción y realidad” discute, conforme já aponta de antemão o título, o par ficção-realidade. O crítico russo traz à tona as cartas escritas por Américo Vespúcio sobre o chamado “continente novo”, *Mundus novus* e *Quatuor navigatones*. A riqueza imaginativa com que Vespúcio narra a realidade vista – embora hoje não seja possível ter certeza de que foi ele mesmo o autor daquelas obras – rendeu-lhe tanta fama e prestígio que o continente novo foi batizado com seu nome. Esse fato ilustra a chamada *vérité-dévoilement*, que revela ou desvela, proposta por Todorov como uma habilidade da ficção. Essa espécie de verdade se distingue da *vérité-adéquation*, i.e., aquela correspondente aos fatos, argumenta o crítico.

A descrição feita por Américo Vespúcio – se é que foi ele mesmo o autor das cartas – certamente não revela uma imagem fidedigna à terra “recém-descoberta”, mas foi mesmo assim capaz de mostrar ao leitor do século 16, bem como ao contemporâneo, a perspectiva do narrador/colonizador – ainda que ingênua e/ou idealizada, como atualmente pode se interpretar – a respeito das novidades vistas. As obras escritas por Américo Vespúcio, portanto, têm valor tanto histórico, quanto literário. Dessa forma, fica claro como a literatura em certa medida – então considerada em sua função *constitutiva da sociedade* – pode contribuir na formação do entendimento do mundo a partir da realização e da experiência literária.

Na última seção de “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” Walter Benjamin afirma que o narrador, tal qual o sábio, sabe dar conselhos, pois recorre à sua própria experiência e à dos outros. A última frase do ensaio é emblemática: “O narrador é

---

<sup>14</sup> JAUSS. *A história da literatura como provocação à teoria literária*, p. 57. (grifo do autor)

a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.”<sup>15</sup> Paralelamente ao clássico texto benjaminiano escrito em 1936, Toni Morrison ao apresentar seu discurso como ganhadora do prêmio Nobel de literatura em 1993 recorre a uma estória para falar sobre a importância de contar histórias.

A parábola contada por Morrison, como é característico desse tipo de texto, é simples e possui grande riqueza alegórica. Alguns jovens vão à casa de uma mulher cega, que conservava uma fama de ser sábia. Na versão que Morrison conhece – para explicitar ainda mais o caráter figurativo da estória – a mulher é negra e vive sozinha nos arredores de uma cidade nos Estados Unidos. Sabendo de sua cegueira, eles se aproximam dela segurando um pássaro e, a fim de testá-la, perguntam se ele está vivo ou morto. A mulher, depois de ter guardado silêncio, responde: “Eu não sei, eu não sei se ele está vivo ou morto, mas o que eu sei é que ele está em suas mãos, ele está em suas mãos.”<sup>16</sup> Esta é a imagem central da parábola. Para Morrison essa mulher cega representa o escritor e o pássaro, por sua vez, figura a linguagem. A linguagem é, dessa forma, vista como um poder capaz de libertar. “Sua graça”, comenta a escritora, “está algumas vezes na transmissão da experiência”. Essa referência, consoante ao narrador benjaminiano, naturalmente anuncia sua concepção de literatura.

Ainda refletindo sobre a linguagem, Morrison ressalta que ela “jamais pode ‘dizer exatamente’ a escravidão, o genocídio, a guerra. (...) sua força, sua felicidade está no seu toque em direção ao inefável”,<sup>17</sup> tal qual é possível ler no romance *Beloved*, cuja estética não está assentada no modelo mimético realista e, dessa forma, não pretende dizer como exatamente foi a escravidão.

A relação amorosa entre Sethe e Paul D, dois ex-escravos que se encontraram alguns anos após a guerra civil americana; a incessante busca pela vingança do fantasma da filha assassinada pela mãe; o desprezo e a crueldade relacionada aos negros nos Estados Unidos pós-guerra de secessão; todos esses elementos constituem o enredo de *Beloved*. Talvez, o que mais chame a atenção do leitor nessa intensa narrativa, permeada por elementos históricos com poeticidade e vigor, seja a possibilidade de aproximar-se – mesmo através da ficção – da memória dos afro-americanos.

---

<sup>15</sup> BENJAMIN. Sobre o conceito da História, p. 221.

<sup>16</sup> Optei em fazer um tradução livre dos fragmentos citados. A estória contada por Toni Morrison bem como os comentários por ela feitos estão disponíveis no site oficial do prêmio Nobel, conforme apresentado nas referências.

<sup>17</sup> MORRISON. *Beloved*, p. XVII.



No desfecho de sua *Nobel lecture*, ao nos convocar – nesse momento preciso naturalmente conjugar o verbo na primeira pessoa do plural – ao resgate da habilidade de contar histórias e compartilhar experiências, de maneira utópica Morrison compreende que a literatura – tal qual Jauss havia afirmado em sua crítica ao relacioná-la à história geral – possui uma estreita conexão com a vida prática e pode, assim, influenciar no entendimento do mundo.

É plausível dizer que essa obra de Morrison pode ser pensada como uma “releitura” ficcional de eventos históricos distantes. Seguindo o exemplo da reflexão benjaminiana, que de maneira *sui generis* procura pensar a relação entre arte e sociedade, considerando o passado com vistas no presente, vejo no romance *Beloved* uma valiosa ligação entre o passado e o presente. Embora as pessoas que vivenciaram a escravatura obviamente não estejam mais aqui, a representação estética desses acontecimentos impede o esquecimento daquela barbárie e até mesmo evoca, em certa medida, considerações sobre aspectos políticos e sociais da sociedade americana atual – como o lugar do negro e da mulher, ou ainda, o lugar da mulher negra.

Essa “releitura” do passado e do presente se constrói em conformidade com uma tendência crescente a partir dos anos 1970, mais especificamente dos estudos culturais (*Cultural Studies*). Não é por acaso que em 1992, ano anterior ao da premiação de Morrison com o Nobel de Literatura, Rigoberta Menchú recebeu o Nobel da Paz por seu *testimonio* em *Me llamo Rigoberta Menchú e así me nació la consciencia* (1983), obra na qual relata sobre as violências na Guatemala contra os povos Maia-Quiché). A diferença entre elas estaria no gênero: romance com teor testemunhal, no caso de Morrison, e relato de *testimonio*, no caso de Menchú. Mas, inegavelmente, ambas obras podem ser inseridas no contexto dos estudos culturais.

Retirando o véu que cobria o passado, Morrison constrói uma literatura como arte da memória e da imaginação. Se a memória dos oprimidos em algum momento não se tornou “história”, sua literatura não permite que as vítimas sejam esquecidas e além disso, novamente lembrando Benjamin, torna possível que o justo se encontre consigo mesmo.

#### ABSTRACT

In this text I reflect upon the fictional re-reading of events occurred in the U.S.A in the novel *Beloved* by Toni Morrison, considering the fertile

relation between memory and imagination, which, in a certain way, similarly to the figure of the Benjaminian historical materialist presented in the text “Theses on the Philosophy of History,” reveals the history of the oppressed.

#### KEYWORDS

Fiction, memory, history, Toni Morrison, Walter Benjamin

#### REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 114-119. (Obras escolhidas, v. I)
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221. (Obras escolhidas, v. I)
- BENJAMIN, Walter. O surrealismo – o último instantâneo da inteligência européia. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 21-35. (Obras escolhidas, v. I)
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. I)
- BOUSON, J. Brooks. Whites might dirty her all right, but not her best thing. The Dirtied and Traumatized Self of Slavery. In: \_\_\_\_\_. *Beloved. Quiet as it's Kept*. Shame, trauma, and race in the novels of Toni Morrison. New York: State University of New York Press, 2000. p. 131-162.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sergio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1992. p. 419-476.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MORRISON, Toni. *Beloved*. New York: Vintage, 2004.
- MORRISON, Toni. *Playing in the Dark*. Whiteness and the literary imagination. London: Macmillan, 1993.
- MORRISON, Toni. Nobel Prize in Literature. Disponível em: <[http://nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1993/morrison-lecture.html](http://nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1993/morrison-lecture.html)>. Acesso em: 30 maio 2011.

MINK, Louis O. History and fiction as modes of comprehension. In: COHEN, Ralph. *New directions in literary history*. London: Routledge and Kegan Paul, 1974. p. 107-124.

PADRÓS, Enrique Serra. Usos da memória e do esquecimento na história. *Letras*, n. 22: "Literatura e autoritarismo", Santa Maria/RS, p. 79-95, jan./jun. 1991.

TODOROV, Tzvetan. Ficción y realidad. In: \_\_\_\_\_. *Las morales de la historia*. Trad. Marta Bertran Alcázar. Barcelona: Paidós, 1993. p. 119-144.